



DAVID HARVEY, DE 1973 A 2003

Dr. Carles Carreras i Verdaguer*

Entre os inúmeros trabalhos que o prolífico geógrafo David Harvey tenha publicado neste ano de 2003, provavelmente os especialmente interessantes, que merecem um comentário crítico de qualquer colega da nossa disciplina, são os das Ciências Sociais em geral. Exatamente trinta anos após a publicação em forma de livro do seu famoso *Social Justice and the City*¹, a obra que marcou mudanças dos enfoques mais neopositivistas para a chamada Geografia Radical nos Estados Unidos. No ano passado foi traduzido também para o espanhol, pela editora Akal, de Madri, o seu outro livro *Spaces of Hope*², que faz com que possa ser fixada a evolução do seu pensamento sobre o que poderia ser denominado de cidade da posmodernidade. Todas estas traduções facilitaram a difusão das obras de Harvey, especialmente entre os nossos estudantes que não costumam ler muito em inglês. Até agora, além das obras citadas acima, só havia sido traduzida a obra *The Condition of PostModernity*³.

Todavia, o que é realmente marcante e faz com que 2003 possa ser considerado o ano de David Harvey é a publicação de dois grandes livros em língua inglesa. O primeiro é um grande livro não só de formato, quanto de conteúdo: *Paris capital of Modernity*⁴. A obra é novidade

importante na bibliografia do geógrafo norte-americano, que merece uma leitura profunda que, por sua vez, propicia reflexões muito aprofundadas. O segundo é também um grande livro no seu conteúdo, apesar de que não seja de grande formato: *The New Imperialism*⁵, trabalho radicalmente diverso, sendo um pouco do resumo de grande parte da sua obra teórica anterior, mas, também uma abordagem muito contemporânea, na qual o autor se posiciona abertamente frente a guerra do Iraque, dando uma nova e pertinente explicação da situação geopolítica atual. Assim, com essas suas duas obras Harvey confirma ainda mais o seu papel de teórico mais coerente e produtivo na Geografia Humana contemporânea; ele também é o que mais difunde as suas suas idéias e que prestigia a nossa disciplina entre muitos outros Cientistas Sociais. Vale a pena analisar essas duas obras com mais detalhe.

Paris capital of Modernity

O estudo de David Harvey sobre Paris, centrado entre os anos 1848 e 1871, constitui, sem dúvida nenhuma, uma novidade muito importante na bibliografia do autor. Na verdade, como costuma ser habitual na produção

*Catedrático em Geografia Humana - Universidade de Barcelona.

E-mail:





bibliográfica anglosaxônica, uma parte dos conteúdos desse livro já foi publicada pelo mesmo autor em algum artigo de revista ou capítulo de livro com antecedência. Especialmente conhecido é, nesse caso, o seu interessante estudo sobre a cidade de Paris na obra literária do escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850), publicado no livro editado pelos críticos literários Joan Ramon Resina e Dieter Ingenschay⁶. Porém, o conjunto do livro não é só totalmente novo, mas também é absolutamente inovador na linha dos inúmeros trabalhos de Harvey. De fato, trata-se de uma análise histórica muito aprofundada, detalhada e perfeitamente documentada sobre mais de trinta anos da vida da capital francesa (a capital do século XIX, na frase bem afortunada do crítico literário alemão Walter Benjamin [1899-1940], um dos autores mais imprescindíveis em quem, também, Harvey se inspira). O período escolhido, por outro lado, foi decisivo na transformação da antiga capital francesa para uma cidade capitalista, e que virou modelo para tantas outras cidades do mundo nos primórdios do desenvolvimento do capitalismo, pelo menos na Europa; seja trazido aqui o caso da nossa cidade de Barcelona, com uma industrialização iniciada a partir de 1733 e onde o engenheiro Ildefons Cerdà (1815-1876), o primeiro urbanista da cidade, colaborou com o barão de Hausmann e, também, onde o seu maior inimigo, o arquiteto e político Josep Puig i Cadafalch (1867-1956), lançaria o *slogan* " façamos com que Barcelona vire a Paris do meio-dia".

Deve ser esclarecido imediatamente que os documentos consultados por David Harvey são sempre de segunda mão, o que bem provavelmente seria imperdoável em qualquer trabalho de pesquisa de um pesquisador novo, ainda mais, numa tese de doutorado, mas nunca para um cientista social tão acreditado como ele. É muito importante apontar para este fato, quando geógrafos brasileiros que se dedicam à história urbana, como Maurício de Almeida Abreu para o Rio de Janeiro, ou Pedro Vasconcelos para a Bahia, são tão respeitados com a documentação original que eles encontraram e analisaram muitas vezes pela

primeira vez. Mas, sem querer negar o significado desse fato, ou suprimir o possível e desejável debate, eu gostaria de acrescentar que tal trabalho de segunda mão provavelmente seja o que melhor corresponde para um profissional que não é historiador e que, ainda mais, não quer fazer história; o geógrafo teórico que é Harvey só pretende explicar o processo de produção do espaço e dos grupos sociais urbanos num momento chave da formação do capitalismo moderno, o da modernidade como ele próprio denomina.

Nesse sentido eu acho que é preciso destacar, em primeiro lugar, que o livro do Harvey deve ser incluído numa tradição longa de estudos anglo-saxões sobre Paris, da parte de historiadores e historiadores da arte especialmente, que têm fornecido uma abordagem enorme para o conhecimento da capital e da história francesa do século XIX de um modo geral. É preciso destacar, também, que, curiosamente, os historiadores franceses ignoram sistematicamente esses estudos anglo-saxônicos. No conjunto desta tradição, que Harvey conhece muito bem, cita abundantemente e usa convenientemente, o livro mais conhecido para nós talvez seja o interessante trabalho do historiador britânico da Universidade de Sheffield, Anthony Sutcliffe, sobre a reforma urbana do barão Georges-Eugène Haussmann (1809-1891)⁷, também pelo fato dele ter sido traduzido para o espanhol bastante cedo⁸. Mas a tradição é longa e diversa e ainda hoje continua muito viva como mostra o próprio livro que estamos comentando⁹. É uma tradição, também, que tem o seu paralelo em outros tantos autores franceses (pelo menos na Geografia) os quais têm estudado cidades estrangeiras, como foi o caso de Claude Chaline, por exemplo, que fez a sua tese de doutorado sobre Londres, em 1971¹⁰. Uma tradição, por sua vez, com a qual a Geografia espanhola e brasileira estiveram em falta até hoje, em geral. Porém, é preciso, também, reconhecer que aquelas duas tradições, a anglosaxônica e a francesa, foram sempre bastante paralelas sem quase nunca se encontrarem, mostrando assim mais uma vez a grande dificuldade de aplicação





de qualquer multiculturalidade ou interdisciplinariedade tão faladas. Harvey, do seu lado, no livro comentado, usa a bibliografia francesa toda, com a mesma intensidade que a anglosaxônica, incluindo, inclusive, como já foi dito, vários documentos literários, especialmente de autores como Balzac, Zola e **Baudelaire**¹¹ (apesar deles serem sempre citados na sua tradução inglesa, para falar a verdade).

Ao estudar Paris, Harvey tem a ocasião de contrastar largamente o seu pensamento teórico, elaborado ao longo desses trinta anos, a partir fundamentalmente do marxismo clássico, mas cada dia também mais plural (com a integração destacável de algumas idéias do filósofo francês Henri Lefebvre e do político italiano Antonio Gramsci), com os dados empíricos da realidade parisiense daqueles anos que tira dos historiadores ingleses e franceses. O contraste da teoria com a realidade leva o pensamento de Harvey para uma maior matização e para uma grande flexibilização. Matização e flexibilização são, sem dúvida nenhuma, um grande enriquecimento do pensamento do Harvey e, ao mesmo tempo, um grande estímulo intelectual para nós leitores. Ao seguir o sumário da obra já se vê claramente a flexibilização e os enriquecimentos ideológicos.

Nesse sentido, o livro é organizado em três partes desiguais. Após uma introdução na qual Harvey apresenta a modernidade como uma grande ruptura histórica na evolução da sociedade, a primeira parte contém dois capítulos dedicados a análise das representações simbólicas de Paris entre os anos 1830 e 1848, em primeiro lugar se referindo a obra de Balzac¹², e, em segundo lugar, aos projetos mais importantes dos pensadores chamados de utópicos e seu papel na revolução de 48. A segunda parte, que é a mais extensa (só ela ocupa 215 páginas, quase o 58% do conjunto), é organizada em quinze capítulos e é dedicada ao estudo da materialização da cidade entre os anos 1848 e 1870, que vão da revolução até a Comuna. Harvey analisa, primeiramente, a organização das relações espaciais para, em seguida, estudar a formação

do capital financeiro, destacando, sempre, o papel das rendas do solo urbano; seguidamente analisa o papel do Estado, para tratar, logo depois, as características da força de trabalho e dos processos da sua compra-venda e reprodução, com um capítulo intermediário dedicado a condição feminina; um outro capítulo sobre o consumismo, o espectáculo e o lazer, leva para o estudo das relações sociais: comunidades e classes e as relações com a Natureza; toda essa segunda parte acaba em reflexões sobre as ciências e os sentimentos, sobre a retórica e as representações e sobre a geopolítica das transformações urbanas de Paris. Finalmente, a terceira parte contém só um capítulo conclusivo dedicado integralmente às vicissitudes da construção da basílica de Sacré-Coeur, contraponto da violenta e arbitrária repressão dos *communards*. Como é habitual no Harvey, a bibliografia é muito completa e extensa, contando o livro também com uma seção de notas e com um índice exaustivo de temas, topônimos e antropônimos.

Alguns temas são mais estimulantes do que outros, ainda mais evidentemente segundo a subjetividade do leitor, ou seja, do autor deste comentário crítico. Também para o autor do livro deve ser assim mesmo, como desigual é também a documentação e o seu tratamento. A análise mais minuciosa e personalizada da evolução dos diversos socialismos (chamados de utópicos do ponto de vista "científico" do autor) da época, ou o papel das mulheres na sociedade parisiense e na *Commune*, ou o consumo como fator relativamente novo, mas que aparece como *incortounable* ligado a abertura dos primeiros grandes armazéns do mundo justamente em Paris e, neste momento, nos novos *bulevares* de Haussmann, ou o pensamento reacionário dos repressores da *Commune* e a trama toda para a construção do templo expiatório do Sacré-Coeur são, sem dúvida, alguns dos temas de maior destaque no livro. Por outro lado, por exemplo, a imagem do barão de Haussmann e, ainda mais, a obra urbanística dele fica bem mais escondida por trás do raciocínio teórico, de raiz economicista.

O que fica claro é o fato de que o objetivo





fundamental de Harvey não é, de maneira nenhuma, apresentar uma monografia urbana, nem ainda menos nenhuma contribuição para a história do urbanismo. O objetivo primordial, ao contrário, é o de tentar uma muito bem sucedida dissecção minuciosa das transformações do espaço e da sociedade européia do século XIX para uma nova forma capitalista e, também, de colocar mais um exemplo da validade atual do método científico marxista para ser aplicado na análise crítica do capitalismo contemporâneo. Nas cobertas do livro, o geógrafo inglês Neil Smith, que também publicou um novo livro interessante e original em 2003 sobre o papel do geógrafo norte-americano Issaiah Bowman na formação do império americano durante a primeira metade do século XX¹³. Pode-se fazer comparações entre o livro de Harvey, que estamos comentando, para a obra de Carl E. Schorske sobre Viena¹⁴; mas eu acho que embora as duas obras tenham uma importância similar no conjunto da bibliografia da história urbana anglosônica, os objetivos e o sentido das duas obras são bastante diversos; a de Harvey é mais social e rigorosamente teórica e explicativa, já a de Schorske é muito mais histórica e urbanística.

Ficamos, assim, perante uma síntese brilhante das características mais importantes do nascimento e formação da modernidade urbana onde esta se desenvolveu, com todas as contradições da realidade e com as nuances teóricas e uma ambição de exaustividade que leva Harvey para uma abordagem de muitos temas e aspectos que nunca antes tinham sido trabalhados. Provavelmente, essa própria ambição da obra possa explicar suas fragilidades possíveis pelo fato de que não se pode encontrar uma informação que seja comparável em todos os aspectos que ela aborda, tão diversos, e também não se pode dedicar a todos um interesse semelhante. Todavia, o esforço do autor é remarcável e os resultados no final são espetaculares, revalorizados ainda pela grande quantidade de ilustrações contemporâneas, de grande valor histórico, as quais isoladamente vão constituir também uma ampla abordagem de uma "outra"

história de Paris; elas permitem recuperar uma grande parte da memória de alguns fatos e de alguns momentos que provavelmente muita gente gostaria que fossem esquecidos. Enfim, o livro de Harvey é uma leitura obrigatória para todos os geógrafos, e também para muitos outros intelectuais que não sejam propriamente geógrafos.

The New Imperialism

Apesar de que, segundo a informação fornecida na capa do livro, ele seja apresentado como antropólogo, provavelmente por causa do posto acadêmico que ele tem nesses momentos na City University of New York, David Harvey se apresenta nesta obra como sendo um grande geógrafo. Grande não só pelo seu desenvolvimento teórico tão relevante, sem dúvida nenhuma o mais relevante dentro da nossa comunidade científica que costuma ir do mais banal ao mais profissionalizado, mas também pela sua implicância pessoal nos problemas mais importantes que afetam a cidadania contemporânea. É por isso que o livro de Harvey faz com que nós lembremos com saudade da contribuição daquele outro grande geógrafo teórico e crítico do século XX, o brasileiro Milton Santos (1926-2001), apesar das grandes diferenças que permitem isolar claramente estas duas personalidades. Milton também publicou um livro importante com uma abordagem ao debate no seu país para a aprovação da nova constituição democrática¹⁵, tanto como Harvey o faz no intuito de explicar a nova ordem mundial depois da segunda guerra do Iraque. Talvez os dois, Santos e Harvey, não representem o melhor rosto da nossa Geografia moderna por causa do seu espírito de trabalho incansável, do seu espetacular rigor teórico e de sua implicância crítica na frente de um Mundo e de uma sociedade dos quais não gostam, mas dos quais se sentem orgulhosos de fazer parte ativa.

Esse livro que está sendo apresentado teve a sua origem numa série de palestras que David Harvey fez na sua velha universidade de





Oxford, na Inglaterra, entre os dias 5 e 7 de fevereiro do 2003, uma semana antes das grandes passeatas contra a guerra em Londres ou em Barcelona (cidades que são citadas como exemplo pelo autor no seu prefácio) e um mês e meio antes do início das hostilidades por parte dos Estados Unidos da América, justamente com o apoio dos governos da Grã Bretanha e da Espanha¹⁶. Uma guerra na qual todos nós estamos envolvidos de uma forma ou de outra e a qual mais de um ano depois ainda não pôde ser dada como resolvida e ainda menos acabada é o tema subjacente abordado por Harvey, o dos motivos geo-políticos que levaram a essa e outras guerras atuais. A própria contemporaneidade das palestras e do livro com os eventos analisados já merece ser destacada, porque o autor, como a editora, correm o risco de publicar um livro que trata de fatos ainda evolutivos e que ninguém é capaz de saber como ou quando eles irão acabar e se eles vão acabar algum dia.

Harvey desenvolve neste livro toda uma elaboração teórica que ele iniciou há pelo menos trinta anos, um emblemático de 1973¹⁷, no qual ele foi completando e aprofundando, matizando e flexibilizando ao longo de todas as suas publicações posteriores, especialmente desde 1982¹⁸. O próprio autor remete-se a essas suas publicações muitas vezes ao longo do seu livro. A citação de seu *Paris inclusive*, indica-nos claramente a importância da obra antes comentada para a evolução do seu pensamento e mostra que aquele livro é anterior a este. Mas aqui Harvey consegue definir uma nova fase no processo da acumulação capitalista para explicar a dinâmica e as lógicas deste sistema produtivo contemporâneo e as suas consequências sociais, políticas e territoriais, o que ele chama de *accumulation by dispossession*.

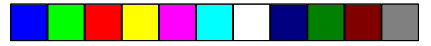
Efetivamente, sua reflexão inicia-se com a análise do papel do petróleo nas motivações reais da guerra; normalmente é o primeiro motivo que costuma ser argumentado com maior frequência; papel que fica confirmado, mas não como o único, já que Harvey também destaca o papel das idéias superconservadoras dos *think tanks* que desenham a atual política da Casa

Branca, especialmente, talvez, as do antigo decano da Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Harvard¹⁹. Em seguida, ele analisa o processo histórico do desenvolvimento do poder americano, especialmente a partir do final da Segunda Guerra Mundial. Só depois, e com muitos gráficos sob o título de escravidão do capital (*Capital Bondage*, na forma irônica, quase brasileira do autor), Harvey repassa as fases históricas do capitalismo, desde a sua acumulação primitiva, passando pela reprodução expandida que foram definidas por Karl Marx (1818-1873) e pelos marxistas posteriores (entre os quais o próprio Harvey deve ser incluído), para finalmente abordar e definir o citado conceito de *accumulation by dispossession*. Harvey formula tal conceito como sendo muito semelhante, e também comparável ao da acumulação primitiva, no que ele tem de rapina dos recursos naturais e do mais valor do trabalho, mas desta vez aplicado em escala internacional.

Harvey, como de hábito, dá maior ênfase aos aspectos econômicos estruturais, sem entrar em discussão com outras abordagens possíveis, como as culturalistas, que se preocupam com a reestruturação pós-fordista do sistema ou com os conteúdos da pós-modernidade, ou como as mais sociológicas que se focalizaram no tema da desorganização do capitalismo²⁰. Os exemplos da crise econômica do sudeste asiático no final dos anos 90 e os novos e espantosos investimentos de capital na China hoje são os casos de estudo que Harvey se utiliza mais. O livro conclui com uma série de reflexões sobre o consentimento para a coerção imperial que o novo poder americano trata de impor. As últimas palavras do livro são um pedido para os leitores internacionais; Harvey gostaria que houvesse a desapareição do antiamericanismo mundial com a finalidade de que os críticos do interior dos Estados Unidos possam, de forma democrática, deslocar o grupo dos fundamentalistas cristãos que hoje monopoliza quase todos os órgãos do poder americano.

Em conjunto, pois, trata-se de uma análise muito lúcida e clara, com uma grande





documentação bibliográfica e jornalística, mas, ao mesmo tempo, sem erudição nem complicações conceituais, o que permite que esta literatura tenha uma grande difusão entre o público, mesmo os não-geógrafos e os não-universitários. Apesar do seu aparente "economicismo", habitual na obra de Harvey, é evidente que esse livro poderia contribuir para potencializar um debate sério e argumentado do qual a nossa sociedade contemporânea padece a falta, desconcertada pela manipulação constante do medo e da informação, pelo abuso da mentira e pela impunidade da irresponsabilidade²¹. Só por isso o livro já é muito importante. Além do mais, a obra faz referências a uma longa lista de leituras que podem complementar os pontos de vista do autor, desde óticas bem diferentes, além das notas, da bibliografia e do índice.

Breves conclusões

Embora um comentário crítico não precise conter conclusão alguma, dado que ele quer apenas estimular a leitura para promover o debate posterior, deve-se apontar apenas duas reflexões finais.

A primeira é que é preciso continuar aprofundando a leitura desses dois novos livros de David Harvey; provavelmente ele já esteja trabalhando na publicação de mais alguma outra obra, como de costume²². A leitura e o debate desses livros, e a publicação dos resultados, é bastante recomendável. Eu acho que seria muito importante traduzir, para o espanhol e para o português, o seu *Novo Imperialismo*, para poder difundir a sua análise lúcida e interessante, para mostrar alguma das armas da Geografia que não servem para fazer a guerra, e sim para explicar a realidade na qual nós cidadãos vivemos; outro livro, pelo contrário, acho que não precisa de tradução nenhuma, já que os interessados em estudar Paris, e a análise dos seus processos de produção do espaço devem ler em francês ou pelo menos em inglês.

A segunda é especial para geógrafos. Precisamos aprender de David Harvey o rigor e a coerência teórica, a continuidade na sua pesquisa, sem ceder para as modas, mas ao mesmo tempo aceitar inovações e mudanças; aprender sobre toda a sua preocupação pela procura da explicação na Geografia, ainda trinta e cinco anos após sua grande primeira obra "neopositivista".

Barcelona, 19 de março de 2004.

Notas

¹ Publicada em espanhol quatro anos mais tarde (*Urbanismo y desigualdad social*. Editorial Siglo XXI, Madrid, 1977; 340 pp.).

² University of California Press, Berkeley, 2000; 294 pp.

³ Em espanhol na Amorrortu, Buenos Aires, 1998 é em português na....

⁴ Routledge, New York, 2003; 372 pp., 118 ilustrações [uma excelente coleção de gravuras e fotografias contemporâneas] mais 9 tabelas estatísticas.

⁵ Oxford University Press, Oxford, 2003; 254 pp.

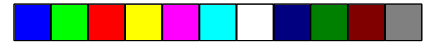
⁶ *After-Images of the City*. Cornell University Press, Ithaca, 2003; 270 pp; ver especialmente páginas 23 a 48.

⁷ *The Autum of Central Paris. The Defeat of Town Planning. 1850-1970*. Ed. Edward Arnold, London, 1970.

⁸ Gustau Gili, Barcelona, 1973; 362 pp.

⁹ Igualmente, o nosso amigo e colega o politólogo da Universidade de Birmingham, Jeremy Jennings, está quase acabando um livro sobre a formação do Estado nação na França, o qual estamos a espera de ver publicado em breve, na Inglaterra também, claro.





- ¹⁰ Vegeu especialment: *Londres. Les Grandes villes du Monde*. Notes et Études Documentaires, Paris, 1968 i, sobretot, *La métropole londonienne. Croissance et planification urbaine*. Ed. Armand Colin, Paris, 1973; 292 pp.
- ¹¹ Pelo contrário Harvey usa pouco a obra do Víctor Hugo quem, ao meu ver, seria bastante útil no apoio de algumas das suas próprias hipóteses de trabalho, significativamente pelo menos no que se refere às reações contra as reformas urbanas do barão de Haussmann.
- ¹² Esse aspecto é especialmente interessante para o autor já que fica em relação com a nossa linha atual de pesquisa sobre as relações entre a Literatura e a cidade, na qual já foi publicado um livro sobre Barcelona (*La Barcelona literària. Una introducció geogràfica*. Ed. Proa, Barcelona, 2003; 228 pp.) e está sendo preparado um outro de âmbito universal, a partir do curso feito na pós-graduação do Departamento de Geografia da USP em 2003.
- ¹³ *American Empire. Roosevelt's Geographer and the prelude to Globalization*. University of California Press, Berkeley; 558 pp.
- ¹⁴ *Fin-de-Siècle Vienna. Politics and Culture*. New York, 1961.
- ¹⁵ *O Espaço do cidadão*. Editora Nobel, São Paulo, 1987; 142 pp
- ¹⁶ Eu escrevo esse comentário justamente um ano depois, após o grande atentado de Madri e depois da grande derrota do governo na guerra e do início da retirada do exército espanhol no Iraç.
- ¹⁷ 1973 foi tomado como a data de início das mudanças da pós-modernidade e do pós-fordismo com a chamada crise do petróleo.
- ¹⁸ É o ano da publicação da primeira edição do seu *Limits to Capital* (Basil Blackwell, Oxford; 478 pp.)
- ¹⁹ Cita-se, sobretudo, o que poderia ser chamada de "tristemente famosa" obra de Samuel P. Huntington, *The Clash of Civilizations. Remaking of World Order* (Touchstone book, New York, 1996; 368 pp.)
- ²⁰ Estou me referindo à obra tão pioneira dos sociólogos S. Lash i John Urry bem significativamente chamada de *The End of Organized Capitalism*. Polity Press, Cambridge, 1987, que o Harvey, deve ser dito, nem cita na sua comprida e diversificada bibliografia.
- ²¹ O aviso do novo governo espanhol da retirada do Iraç teria mostrado o início de uma mudança talvez nesse sentido.
- ²² A rapidez na publicação de Harvey me obriga a inquirir diretamente no portal da *Amazon* sobre os seus livros para nao perder o seu ritmo.



